

20 OUT 1995

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297 — e-mail: jtarde@embratel.net.br



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
 (1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
 (1927 - 1969)

Diretor-responsável
 RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
 Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor-executivo

Leão Serva

Editor-chefe

Celso Kinjo

Diretor-superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor-comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor da Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

O presidente está bravo

Pela primeira vez desde que assumiu a Presidência da República — talvez pela primeira vez em sua vida pública —, o presidente Fernando Henrique Cardoso, um político de temperamento afável e conciliador por excelência, perdeu a paciência com o comportamento dos políticos governistas que estão contra a reforma administrativa, ficou bravo e fez ameaças explícitas de punir “politicamente” quem teoricamente faz parte da base de sustentação do governo mas está se insurgindo contra as propostas governamentais.

Em outras ocasiões em que se esboçaram rebeliões desse tipo, Fernando Henrique foi mais brando, negociou a adesão dos recalcitrantes e fez até algumas concessões. Desta vez, o presidente decidiu não negociar qualquer ponto de sua proposta e avisou que quem quiser ficar contra o governo deve assumir as consequências de seus atos: o governo pode até demitir membros de sua equipe cujo grupo político, partido ou padrinho não votar contra o parecer do deputado Prisco Viana.

“A caneta que nomeia é a mesma que demite” e “Vamos ver quem ganha. Quem tem mão forte é o presidente da República!” — foram dois claros recados dados pelo presidente aos líderes governistas e aos parlamentares que tentavam negociar concessões do governo na emenda da reforma administrativa.

O tom de Fernando Henrique e a rudeza de suas palavras confirmam que seu governo está aderindo à viciosa tradição da política brasileira de trocar cargos por votos, o que faz com que seus adversários estejam se lavando em água de rosas. Mas Fernando Henrique não tinha como escapar dessa

adesão. As regras do jogo não foram estabelecidas por ele e ele faz muito bem em “respeitá-las” dessa forma, ou seja, cobrando fidelidade daqueles que se dizem governistas, indicam pessoas para cargos públicos, mas, nos momentos difíceis, não querem se comprometer.

Em qualquer democracia representativa do mundo, os partidos que elegem o chefe de governo ocupam os ministérios e postos de confiança da administração pública e dão respaldo parlamentar e junto à opinião pública às iniciativas oficiais. Levam os bônus mas também ajudam a suportar os ônus. Só no Brasil os políticos querem as benesses de pertencer ao governo sem correr os riscos de desgastes.

As razões do presidente para bater nos aliados rebeldes e fazer ameaças públicas ficam ainda mais reforçadas quando se sabe que o que está em jogo não é pouca coisa; é nada mais nada menos do que o futuro do Plano Real. Isto é, a excelente oportunidade que o Brasil está tendo, depois de quase 20 anos de inflação descontrolada, de retomar o processo de crescimento econômico de forma sustentada e duradoura. Uma oportunidade que está sendo ameaçada por um bando de políticos que só estão preocupados com seus interesses fisiológicos, eleitorais. Os argumentos pretensamente técnicos e jurídicos invocados por eles contra a reforma administrativa não têm a menor base de sustentação.

Não dá para ser bonzinho, para ser simpático com essa gente. Se eles só entendem a linguagem da ameaça, da chantagem, o governo tem de utilizá-la.